

Airto – Presença espectral**Guy Amado**

Universidade Federal do Estado do Amazonas – UFAM / BR

guyamado@ufam.edu.br**Resumo:**

O texto consiste em um relato romanceado em primeira pessoa, à maneira de um conto, de um evento marcante experienciado na infância do autor. A partir de um episódio banal mas inusitado, notadamente por seu desfecho trágico, e consideradas as circunstâncias em que transcorre, aborda-se uma experiência fugaz mas intensa de convivência entre três crianças e desdobramentos psicológicos da mesma. Ainda que de cariz autobiográfico, o texto faz ainda remissão a certa tradição romântica de contos de suspense sobrenatural, aspecto que surge a partir de conjecturas pessoais do autor e sua interpretação dos factos.

Palavras-Chave: Infância; Relato autobiográfico; Imaginário infantil, Memórias.**Abstract:**

The text consists of a first-person account, in the manner of a short story, of a significant event experienced by the author during childhood. Starting from a banal but peculiar episode, notably due to its tragic outcome, and considering the circumstances in which it takes place, it deals with a fleeting but intense experience of coexistence among three children and its psychological consequences. Although autobiographical in nature, the text also refers to a certain romantic tradition of supernatural suspense tales, an aspect that arises from the author's personal conjectures and interpretation of the facts.

Keywords: Childhood; Autobiographical account; Children's imagination; Memories.

1. Aparição e desapareção

Chamava-se Airtó.

Assim mesmo, sem o "n" que se adivinha ao final¹. Ou ao menos foi como fixei seu nome, vindo da boca do próprio. Não o esqueci até hoje, passados tantos anos. Surgiu do nada uma tarde, quando meu irmão e eu jogávamos bola – ou empinávamos papagaios, talvez – na rua de terra batida, em frente à casa. E "surgir do nada" aqui é mais que mera expressão idiomática. À época vivíamos em Jacaraípe, uma pequena cidade litorânea na costa capixaba², muito parcamente povoada; sobretudo na área em que morávamos, afastada do que se poderia chamar de centro urbano, onde não haveria mais que duas ou três casas por quarteirão, se tanto. E ainda assim essas habitações podiam estar em sua maioria desabitadas, dado o perfil majoritariamente de veraneio que era a tônica naquelas plagas. Assim, nossos poucos companheiros de lazer e brincadeiras por ali eram esporádicos (à parte os colegas de escola, habitantes da capital, a 25 km, onde estudávamos, e, portanto, de convivência pré-determinada): tratava-se, via de regra, de crianças cujos pais alugavam casas naquela região somente para passar uns dias. Nessas ocasiões, nos víamos com o que chamávamos "vizinhos de fins-de-semana"; já nas férias de verão afluíam os turistas, aos montes, e aí ganhávamos parceiros temporários mais "duradouros".

Mas não era esse o caso de Airtó. Nunca o havíamos visto antes, o que era peculiar, dado este contexto de rarefeita interação; por ali só conhecíamos e interagíamos com duas outras crianças, filhos de um casal de amigos de nossos pais. A aparência geral do rapaz era a de um garoto local, um caíçara³, trajando calção e uma camisa curta de abotoar já bastante estropiada; tinha nos pés umas sandálias de tiras já bem gastas. Apareceu não se sabe de onde e ali ficou, meio

¹ "Airtón" ou "Ayrton" é um nome razoavelmente popular no Brasil.

² Termo que define os nativos do estado do Espírito Santo, BR, onde o autor viveu até a primeira adolescência.

³ Termo que designa habitantes de locais litorâneos, comumente associado aos pescadores e à população nativa, geralmente humilde, da região.

afastado, acompanhando nossas ações. Via-se que estava cheio de vontade de participar; e, contudo, seguia em silêncio, observando a certa distância. Era difícil dizer se tratava-se de mera timidez ou se daquela característica de respeitosa retração tão típica das famílias mais humildes – como as dos pescadores locais, que viviam próximos ao rio de águas escuras que cruzava nosso povoado muitas quadras mais ao sul, no que seria a zona mais central do vilarejo.

De compleição frágil, pequenos olhos claros e tristes – é algo que não esqueço, aquele semblante – afundados na face magra, aparentava a um só tempo ter mais e menos idade do que realmente tinha. O corpo, franzino, era de menino impúbere, enquanto que seu rosto anguloso, os ossos salientes, exibia uma expressão dura e serena, adulta. Quando perguntámos por sua idade, lembro-me de ter murmurado algo que processei como sendo uns dois anos mais velho que eu – que na altura tinha 10 ou 11 anos, enquanto meu irmão andava pelos 8. Parecia um *menino cansado*; um cansaço que transcendia o físico, de resto difícil de associar a um pré-adolescente. Um cansaço de espírito. Talvez por isso, acentuado pelo peso que trazia no olhar, lembro-me de que minha primeira reação à sua presença foi a de sentir algo próximo a compaixão, mesmo sem qualquer motivo aparente razoável para tal. Seja como for, após algum estudo da situação, Airto acabou juntando-se a nós; todos esses dados e sensações foram abstraídos e ali ficamos os três entretidos por mais um bom tempo, jogando bola, fazendo guerra de mamona⁴ e coisa e tal. Nosso companheiro provou-se bastante familiarizado com o ambiente natural que nos cercava, caçando insetos, reconhecendo pássaros pelo pio e nos apresentando sementes diversas; características típicas de um caiçara, pensei. De se notar que os modos reservados do menino se mostraram inversamente proporcionais ao afínco que demonstrou pela oportunidade de se divertir conosco; via-se que não desfrutava daquele tipo de ocasião com frequência. Parecia encantado em poder brincar com alguém, e sendo nós crianças abertas a integrar e partilhar, a experiência

⁴ Mamona: pequeno fruto espinhoso arredondado, de cor verde, e abundante naquela região, muito usado como “munição” em jogos de batalha infantis.

talvez tenha sido especialmente prazerosa para Aírto. Olhando para trás hoje, arriscaria afirmar que o garoto teve, ali naquele fim de tarde conosco, um momento em que pôde exercer plenamente sua infância, por assim dizer.

Lá pelas tantas, minha mãe gritou da casa: era o chamado para jantar. Só então nos apercebemos que o sol – e o dia – já se tinha ido, deixando o característico lusco-fusco dos céus de finais de outono em latitudes tropicais. Ao nos despedirmos, daquele jeito despachado como fazem as crianças, mas ainda curiosos pela circunstância de sua aparição, indagamos a nosso novo parceiro de onde era, para onde iria, essas coisas. Não retive as palavras exatas do rapaz, mas sua resposta foi vaga; só me recordo de ter dado a entender que não iria para casa naquele momento. "Se é que ele tem uma", complementei mentalmente, mais pelo insistente sentimento de pena despertado por sua triste figura do que qualquer outra coisa. Que ainda iria dar umas voltas por ali, talvez fosse até a lagoa.

A lagoa... pois sim, havia a lagoa. Apesar de próxima, nunca nos lembrávamos de sua existência: afinal, vivíamos a menos de duas quadras da praia, o que era um privilégio. Uma praia ampla e que permanecia semi-deserta por grande parte do ano. Só éramos forçados a partilhá-la com os turistas – inevitavelmente mineiros⁵, em maciça maioria – entre dezembro e fevereiro. Eu adorava a ideia de ter o mar sempre ali tão perto: boa parte de minha existência até a adolescência avançada se deu nele imerso, nadando, surfando, boiando... De resto, à parte as escassas construções e casas de veraneio, nossos arredores eram compostos basicamente por mata de médio porte e terrenos baldios, tudo pontuado pelas ruas de terra batida que cortavam a rodovia à margem da qual se distribuía irregularmente nossa cidadezinha. Coqueiros, casuarinas, bananeiras, castanheiras e pés de mamona selvagem compunham boa parte do cenário natural que nos cercava. Mas havia também essa lagoa. Na verdade, para ser preciso assemelhava-se mais a um grande charco. Partindo de nossa casa, estaria a aproximadamente a mesma distância que o mar, mas em sentido oposto,

⁵ Habitantes de Minas Gerais, estado vizinho e sem litoral.

em direção ao interior. Caminhava-se um tantinho por um terreno com ares de abandono e ali surgia ela, encravada entre o matagal de baixo porte e um lodaçal. Com sua água escura e as margens alagadiças e lamacentas, pouco discerníveis em meio à vegetação que crescia desordenadamente em sua margem, afigurava-se como um programa pouco convidativo, mesmo no calor intenso. Não possuía de todo um acesso direto; havia apenas umas trilhas precárias, produto das pisadas de quem por algum motivo tivesse que ali passar com certa regularidade. Essa somatória de fatores fazia com que sequer lembrássemos de sua existência. Ademais, sempre fomos desestimulados a perambular para aqueles lados, por conta daquele entorno movediço e traiçoeiro. E ainda havia os mosquitos. Lembro-me de ter tentado me aventurar naquelas águas uma ou duas vezes, mas depois de alguns passos e já sentindo a canela afundando no lodo negro e fétido desistia, convencido de que qualquer banho ali não valia aquele trabalho e tensão. Estas características vieram à minha mente ao ir deitar-me aquela noite, e fui dormir com a imagem de Airto ressoando em meus pensamentos de modo perturbador; aquele menino introspectivo, arisco e amistososo, surgido sabe-se lá de onde e depois desaparecendo na escuridão do fim da rua rumo à lagoa.

2. Reaparição

Na manhã seguinte despertámos, ou fomos despertados, mais cedo que o usual. Havia no ar algo muito fora do comum; nossos pais estavam inquietos, correndo daqui para ali, e ainda sonolento eu escutava um estranho burburinho vindo do exterior. Na verdade, por aquelas bandas qualquer movimentação chamava atenção, já que, como apontado, não tínhamos vizinhos regulares; e naquele caso eram vozes, um intenso vozerio. Fui até a janela e para meu espanto

a rua estava tomada por gente, saída sabe-se lá de onde, caminhando apressada e animadamente. A mãe então foi ter conosco e disse, esforçando-se para parecer calma e natural, que havia mesmo se passado qualquer coisa, e que aquelas pessoas estavam indo verificar o que era. Mas intuíamos por seu semblante anormalmente tenso e por toda aquela fuzarca, e logo tão cedo pela manhã, que se tratava de algo muito extraordinário. Ao menos para nossos parâmetros. Mesmo sem ainda ter condições de processar a informação e todo aquele movimento incomum, senti um calafrio percorrendo a espinha, antevendo algum fator sombrio por trás daquele acontecimento.

A horda se dirigia para a lagoa. Juntei-me rapidamente àquela massa, já não me recordo se sozinho ou acompanhado. Estava tomado pela adrenalina, alimentada tanto pela excepcionalidade da situação como pelo sentimento funesto que insistia em me assombrar. Ao chegar à beira do charco, a cena era inusitada: havia pessoas distribuídas em diversos pontos ao longo daquelas margens, usualmente tão desertas; todas vasculhando as áreas onde as águas escuras encontravam o junco e as plantas que cresciam desordenadamente em seu entorno. Pareciam estar à procura de alguma coisa. Foi quando me dei conta – ou tive a certeza – de que já sabia o que procuravam; aliás, de algum modo, sempre soubera. Nem foi preciso ir até o local de onde se ouviu o anúncio, gritado a plenos pulmões, para confirmar meu pressentimento. Antes mesmo de me conseguir deslocar para aquela margem, já tinha visualizado a cena mentalmente: o corpo franzino estava rígido e inchado pelo tempo decorrido desde o afogamento; a pele arroxeadada, os pés encolhidos, murchos. Seus olhos agora já não tinham qualquer expressão, as pálpebras e pupilas inertes; não estavam mais tristes.

Do mesmo modo fugazmente improvável como surgira em nossa vida, Airto se fora. Até onde acompanhei a cena, ninguém havia sido capaz de identificá-lo ou de reclamar seu corpo; ouvia-se aqui e ali, dentre agitação geral, murmúrios sobre ele se parecer com o filho de não sei quem, ou que o tinham visto

a vaguear no povoado dias antes... Constatei então, algo estupefato, meu próprio fascínio frente à situação. Não apenas por aquela típica pulsão infanto-juvenil de atração latente pela morbidez, ou pela crueza e concretude daquele contato inaugural com a morte; mas, sobretudo, pela naturalidade com que assimilava tudo aquilo. Mais que isso: em minha cabeça, era como se tratasse de um roteiro a que eu já tivesse tido acesso prévio e conhecesse aquele desfecho, sendo apenas questão de verificar que as peças estavam se encaixando. Um raciocínio perfeitamente irracional frente aos factos objectivos, claro: um garoto morrerá afogado, diabos. Um menino quase de minha idade, alguém que eu conheceria no dia anterior, perdera a vida tragicamente, e ali tão próximo a minha casa. Mas para mim, ainda que fortemente abalado, *tudo fazia sentido*, mesmo que por uma lógica personalista um bocado transcendental. Seria ele um forasteiro? Teria família, alguém que sentisse sua falta? Tais possibilidades só tornavam tudo aquilo mais singular e triste – e de algum modo fascinante. Sentia que o nó que se formava em minha garganta era gerado menos pelo horror da tragédia em si que pela angústia intuída a partir dos dados de que só eu dispunha – certo, havia também meu irmão, mas eu não estava certo do impacto que o episódio teve sobre ele –; a imagem de Aírto afastando-se de nós, horas antes, encaminhando-se sem pressa e solitariamente para os lados da lagoa, que adentraria já na escuridão. O aviso. Novamente sem quaisquer motivos para isso, eu tinha a convicção de que ele sabia nadar, ou de que ele *devia saber nadar*, este era apenas mais um dos juízos intuitivos acerca daquele menino que por alguma razão me acometiam seguidamente, como se fôssemos velhos conhecidos. Em qualquer dos casos, ele seria, não obstante, tragado de modo silencioso por aquelas águas turvas de margens traiçoeiras. E não haveria hipótese de socorro, na desolação daquele cenário; não haveria quem pudesse ouvir seus apelos, se é que Aírto chegara a fazê-los. Em meu íntimo, algo me dizia que não: não era de seu feitio, pensei. Ele se fora em silêncio e tranquilamente, eu não tinha dúvidas. É quase como se ele quisesse aquilo, como se aquele derradeiro mergulho fosse seu único propósito, sua vontade definitiva; ou ao menos é assim que tendo a enxergar, em retrospecto, o advento de sua (des)aparição.

Quanto a mim, ainda hoje, passados tantos anos, tenho a nítida sensação de ter passado algumas horas de uma tarde outonal em companhia de um espectro, um fantasma em vida. Uma recordação que evoca menos desconforto ou calafrios que uma espécie de morna melancolia: foram momentos agradáveis, afinal, com nossa rotina de entretenimento incrementada pelo surgimento inesperado daquele garoto calado, de riso contido e olhar triste, mas simpático, e participativo. E não deixa de ser um estranho tipo de alento saber que, de certo modo, teremos contribuído para proporcionar alguma alegria, uma breve experiência de felicidade naquelas que seriam suas últimas horas de existência.

Fosse como fosse, depois desse dia eu definitivamente não me aproximaria mais daquela lagoa.